

Resenhas

A questão do gênero na escola

Ana Maria Ialago*

SOUZA, Fabiana Cristina de. *Meninos e meninas na escola: um encontro possível?* Porto Alegre, Zouk, 2006.

Tomando o pensamento de Serge Moscovici¹ e as possibilidades que ele abre para a educação, é possível considerar a escola um espaço privilegiado para a circulação e concretização das representações sociais, as quais influenciam a prática pedagógica dos docentes e trazem desdobramentos importantes sobre a construção da identidade e das habilidades sociais e relacionais dos discentes.

Nesse sentido, o livro de Fabiana Cristina de Souza, *Meninos e meninas na escola: um encontro possível?*², publicado pela editora Zouk em 2006, traz uma grande contribuição aos educadores preocupados com a formação holística dos educandos, ao suscitar reflexões importantes com relação ao papel da escola na construção da identidade social dos alunos, a partir da discussão das representações e estereótipos relacionados às questões de gênero que estão presentes na sociedade e são reproduzidas na escola.

Tomando como objeto de estudo uma classe de Educação Infantil (crianças de 5-6 anos), Fabiana Souza busca conhecer e

* Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo, Umesp, professora do curso de Letras da Faculdade Anchieta e membro do Grupo de Estudos Formação (Umesp-SBCampo). E-mail:ami@ccaa-abc.com.br.

¹ MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

analisar as dificuldades que se apresentam no cotidiano escolar relativas ao processo de construção de uma igualdade sexual.

No capítulo inicial – “Educação infantil: espaço feminino” – a autora introduz o conceito de gênero a partir do qual desenvolve seu estudo, estabelecendo os limites entre as características biológicas diferenciadas entre os seres (sexo) e os comportamentos sociais diferenciados e culturalmente adquiridos entre homens e mulheres (gênero), afirmando que:

Neste contexto, quando se mostra a idéia da separação entre natureza e cultura, percebe-se que também a biologia está arraigada nas relações sociais, ou melhor, passa-se a entender que nenhuma experiência corporal existe fora dos processos sociais e históricos e que estes são construídos por meio de significados. Por isso, a abordagem das questões de gênero focaliza as questões que são culturalmente construídas entre os sexos, explicitando como se edificam as relações sociais entre homens e mulheres e mostrando que as diferenças biológicas não são capazes de explicar este processo (p. 15).

Ainda nesse capítulo, Fabiana Souza apresenta um panorama em que contempla outros estudos realizados sobre o tema, discute questões teóricas, históricas e legislativas, e estabelece relações entre as crenças e atitudes presentes na esfera privada (vida doméstica e familiar) e na esfera pública (com foco na educação infantil, recorte de sua pesquisa), construindo, desta forma, o pano de fundo de sua pesquisa.

No capítulo dois a autora apresenta “Um caminho metodológico”, no qual explicita suas escolhas e descreve a instituição e os sujeitos participantes do estudo, deixando claros sua opção por uma pesquisa exploratória e seu objetivo: obter compreensão e conhecimentos mais amplos do fenômeno em foco.

Uma vez estabelecidos os pressupostos teóricos e apresentadas as escolhas metodológicas, Souza constrói os capítulos finais de seu livro – “O rosto feminino da educação infantil: concepções de uma professora” e “A prática docente e a igualdade e desigualdade nas relações escolares” – nos quais apresenta e discute falas e episódios representativos colhidos por meio

de entrevistas e de observação direta. Na análise dos dados a autora demonstra como os meninos e meninas aprendem a assimilar e a assumir determinados valores e atitudes em relação ao gênero em suas interações familiares e como a escola ainda não está preparada para intervir no sentido de provocar rupturas significativas com as representações e estereótipos vigentes.

Em suas “Considerações finais”, Fabiana Souza nos apresenta a escola como espaço de manifestação das representações sociais sobre as relações de gênero, como expresso na seguinte afirmação:

As relações escolares apresentam facetas obscurecidas quanto às relações de gênero e, por meio dos episódios observados na escola e a fala da professora, pudemos verificar uma possível tensão entre igualdade e desigualdade na socialização de meninos e meninas. Esta perspectiva expressa que os estereótipos de gênero atravessam a construção do que é ser menino e menina, a qual não se explica como um fato exclusivamente escolar, mas converte-se em um fato social (p. 121).

Como anunciado por ela mesma, Fabiana não oferece receitas ou soluções prontas, mas aponta alguns caminhos para lidar com a questão, entre eles a inclusão do tema gênero no currículo e no planejamento escolar “o que torna necessária sua discussão nos programas de formação profissional dos educadores”, bem como uma reflexão mais cuidadosa da complexidade do problema por parte de toda a sociedade.

Uma possível ressalva à obra poderia ser feita tomando-se como base o número restrito de sujeitos pesquisados. Esse fato, porém, não desmerece o trabalho, pois a pesquisadora deixa claro que sua intenção é “levantar mais perguntas do que respostas [e] identificar quais são as perguntas relevantes a fazer, para posterior verificação em outros estudos” (p. 49). E isso a autora faz de maneira brilhante.

A leitura de *Meninos e meninas na escola: um encontro possível?* é fundamental para profissionais ligados à área de educação, em especial a de Educação Infantil, pois proporciona uma visão singular da maneira como as representações sociais são objeti-

vadas e compartilhadas em sala de aula, muitas vezes de forma inconsciente e contrária à crença expressa na fala dos sujeitos. Proporciona também reflexões sobre a parcela de responsabilidade dos adultos em geral, como pais e professores, no processo de desconstrução da atual polaridade masculino/feminino e de construção de uma real igualdade de gênero e, por extensão, de classe e etnia, igualdade esta fundamental ao nosso bem-estar social.